

A IMPOSTURA
DESMASCARADA
OU
RESPOSTA, QUE O FILHO
DO
COMPADRE DO RIO DE JANEIRO
DA' AO COMPADRE
DO
RIO DE S. FRANCISCO DO NORTE.



RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAPHIA NACIONAL.

1821.

Com Licença.

t 284

A IMPOSTURA

DESMASCARADA

U O

RESPONSA DO LITTO

*Que ne sait point ourdir une langue traitesse
Par sa maliciense adresse?
Des malheurs qui sont sortis
De la boîte de Pandore,
Celui qu' à meilleur droit tout l'univers abhorre,
C'est la fourbe, a mon avis,*

La Fontaine.

*Que não pôde enredar traïdora lingua
Com perniciososa labia!
Dos infortunios, que de si lançara
De Pandora a boceta,
O que o Mundo abomina com mais causa,
A meu sentir, he o dolo.*

Traducção de Francisco Manoel.



RIO DE JANEIRO

NA TYPOGRAPHIA NACIONAL

1841

1841

1
a

Satisfação ao Publico Cordato, e Imparcial.

TENDO eu feito a Apologia do meu Paiz e dos seus Habitantes tão atrozmente insultados por hum intitulado Compadre de Lisboa, e havendo esta merecido pelo objecto e justiça da causa o mais benigno, accollimento, approvação, e louvor de todos, e ainda mesmo dos Estrangeiros, que em grande numero habitão entre nós; eis que contra a publica expectação de repente surge outro Compadre, que se denomina do Rio de São Francisco do Norte, atacando-me com o falso pretexto de que na minha *Justa Retribuição dada ao Compadre de Lisboa* não concedi aos Homens Pretos maior dignidade que a de Reis do Rozario; e de que fiz paralelo dos Indios com os Cavallos: cujas asserções procurou provar com malicioso artificio, e astuciosa hypocrisia, fingindo-se Advogado dos Pretos e dos Indios para enxovalhar os Brancos, interpretando mal as minhas palavras, universalizando proposições particulares, em fim torcendo tudo ao seu geito: julguei ao principio que não devia fazer caso algum, e desprezar antes semelhante producção de hum cerebro esquentado, suggerida talvez pela fome e miseria do Author, do que fazer-lhe a honra de responder deixando-o gosar em paz do producto do seu indiscreto e insano trabalho; mas conhecendo depois, por avisos de alguns Amigos, que me acho compromettido com huma numerosa classe de ha-

bitantes deste paiz , a quem nem por pensamen-
to intentei agravar ; e informado que este novo
Compadre tem espalhado com mão larga os seus
pamphletos pelos mais distinctos da mesma clas-
se com o fito de me tornar odioso , vejo-me
obrigado , bém a meu pesar , a sahír a publi-
co com a presente Resposta ao dito Compadre
do Rio de São Fancisco , a fim de desmascarar
a impostura da sua pertendida philantropia , e
de satisfazer áquelles , que se julgão por mim
offendidos.

Justitia rectorum liberabit eos, et in insidiis suis capientur,
iniqui...

Prov. Cap. XI. V. 6.

Animo recto não teme,
Tem por escudo a justiça :
Os máos S'involvem na rede,
Que desenvolve a cobiça.

Otoni.

Senhor Compadre do Rio de S. Francisco do Norte.

Muito obrigado fico a V. m. do reconhecimento, que me assegura pela parte que lhe toca, e aos seus conterrâneos pela Justa Retribuição, que dei ao Compadre de Lisboa em dezagravo dos meus generosos e honrados Patriotas, e em defeza do Grande, Rico, Magnifico, e Fertilissimo Reino do Brasil: mas de sorte alguma recebo, nem posso receber a sua reclamação em favor dos Homens Pretos, e Indios; por que nem os deixei no abandono, nem os deprimi n'aquelle Folheto, como V. m. falsa, e injustamente se queixa na sua carta, que me dirige; ou antes papel incendiario, que fez imprimir e vulgarizar nesta Cidade: assim convencido, como estou em minha consciencia, de que não sou devedor de credito, e honra a estas duas classes de habitantes deste Paiz, nada tenho que restituir a huma, e a outra: antes devo mostrar a todo o mundo que não sou responsavel de que as minhas asserções fossem mal entendidas, e peor interpretadas por hum cavalleiro andante, que de moinhos finge castellos, de rebanhos de carneiros exercitos de gigantes, de rusticas sa-lloias formozas Dulcineas, não só por causa da ardencia da sua fogosa imaginação, mas tambem pelo motivo da pressa, com que tem de partir para o seu sertão, e sobretudo pela necessidade, que confessa, de colher alguns cobrinhos para ajuda dos gastos de tão dilatada viagem, como V. m. diz ser a sua, de duzentas legoas! Por tanto sem mais preambolo passo a provar que são falsas as suas asserções, primeira que eu fiz paralelo dos Indios com os cavallos; segunda que eu não concedi aos Homens Pretos maior dignidade que a de Reis do Rozario! (1)

(1) He regra da Logica: quando huma proposição encerra alguma palavra em sentido diverso da sua genuina significação, deve ser negada. Tambem he regra da Logica: quando huma proposição universal affirmativa he somente verdadeira em parte, e não no todo, o defendente a deve distinguir se lhe parecer, ou inteiramente negar. Assim nego ambas as proposições do meu Adversario, a primeira por que a palavra paralelo significa cousa muito differente do que elle entende e

O meu principal objecto n'aquelle Folheto = *Justa Retribuição* &c. foi mostrar ao Compadre de Lisboa que o Brasil presentemente não estava reduzido a humas poucas de hordas de negrinhos pescados, como elle affirmava, nas costas d' Africa ; para cujo fim fiz menção de Brancos, Pardos, Indios, e Pretos, que são os habitantes deste Reino : e para mais rebater aquella calumbiosa e insultante asserção disse: que forão os Brancos, os que edificarão as nossas Cidades, os que as povoarão, os que levantarão, estes muros e fortalezas, os que as defendem, os que sempre formarão, e actualmente formão a parte mais distincta dos cidadãos, os que compõe o Corpo do Clero Secular e Regular, os que exercem a Magistratura, e os de mais empregos publicos, os que estabelecerão as cazas de commercio e as conservão, os que são Proprietarios, Senhores de engenhos ou de lavras mineiras, Fazendeiros, Mercadores, Artistas, e Mestres de Officios mechanicos, que exigem maior intelligencia e perfeição de obra, &c. aonde está aqui o abandono em que deixei ficar os seus afilhados, Senhor Compadre do Rio do S. Francisco do Norte? que queria V. m. que eu respondesse ao seu collega, que reduzindo-nos a hordas de Negros pertendia tornar-nos indignos da Augusta Presença do Nosso Saudozo Rei o Senhor D. João VI.? queria V. m. que eu affirmasse contra toda a verdade, que os Indios e os Pretos são, os que formão a parte principal dos habitantes do Brasil, e que (na sua phrase) *são os mais dignos de contemplação?* isso pertendia o Compadre de Lisboa, e ficaria satisfeitissimo se eu lhe concedesse: e por que não lhe concedi, gríta V. m. contra mim dizendo: *que vai tomar a justa defensão dos desvalidos Pretinhos, e Pobres Indios, que eu deixei em abandono fazendo nisso a vontade do mal intencionado Compadre de Lisboa.!!!* quem acreditaria semelhante paradoxo, a não estar impresso? e isto soffre-se? Ora eu passo a analizar as minhas asserções a ver se descobro o pertendido abandono em que deixei ficar os des-

na verdade eu não fiz paralelo algum: a segunda por que a proposição affirmativa he falsa; pois que eu só a proferi no sentido particular, e não no universal: dizendo, os negrinhos estão em caza dos seus senhores . . . e quando muito hum ou outro chega a ser Rei do Rozario. Os negrinhos de que fallei são os cativos somente e não os libertos. Eis-aqui a chave do enredo.

validos Pretinhos e os pobres Índios. Fallando com o Compadre de Lisboa disse: por cá encontram-se Índios bravos, que vivem nos bosques como feras; também Índios já mansos e christianizados, que vivem na suas Aldeias, encontram-se Pardos, e Pretos, metade dos quaes são nascidos no Paiz, e a quem propriamente chamamos criolos; encontram-se também muitissimos Brancos sem outra mescla de Sangue, que não seja todo Portuguez, ou nascidos na Europa ou no Brasil; forão estes os que edificarão as nossas cidades, &c. até aqui não ha abandono de nenhuma classe dos habitantes do Brasil, pois que até fiz menção dos Índios bravos; vejamos se haverá nas seguintes asserções. Acaso quando eu affirmei que os Brancos edificarão as Cidades, as povoarão, &c. neguei que as outras classes de habitantes Pardos, Índios, e Pretos concorressem como operarios nestas obras? não certamente. O que tive em vista foi mostrar contra aquelle calumniador que não forão os Negrinhos pescados na costa d' Africa, os que vierão edificar estas Cidades, levantar estas fortalezas, &c. mas sim os Brancos vindos de Portugal, e os seus filhos. Quando eu disse que os Brancos formão a classe mais distincta dos Cidadãos, &c. exclui por ventura aquelles Homens de cor, que pelos seus meritos pessoais fossem dignos de entrar nella? certamente que não. Proferi proposições universaes, as quaes nunca deixão de ter excepções: e por que estas são muito raras, deixei-as em silencio sem ter animo de deprimir pessoa alguma, ou classe de pessoas, e também por que as nossas leis não feição a porta das horas ao merecimento pessoal de qualquer, seja elle de que côr for, com tanto que seja homem livre, não obstante ter tido sempre diante dos olhos provas disto mesmo, não só faltaria á verdade, como também daria armas ao Compadre de Lisboa, se dissesse: os Brancos juntamente com os Pretos e Índios formão a parte mais distincta dos cidadãos deste paiz, compõe o corpo do clero, são os Negociantes, Proprietarios, Fazendeiros, &c. sómente por que este ou aquelle seja cavalleiro desta ou daquella ordem militar, este ou aquelle seja Sacerdote ou Conego, este ou aquelle seja Negociante, ou Proprietario, ou Fazendeiro. Huma andorinha só, Senhor Compadre do Rio de S. Francisco, não faz verão. Ora se V. m. ignora as regras de huma discussão philosophica, ou de huma refutação oratoria, cale-se e não se intrometta naquillo, que não sabe, e para que ninguem o convidou (a não serem os

Bemignos hospedes que lhe dão cama e meza (1) *ne sutor ultra crepidam.*

Quando fallei em Mestres de Officios mechanicos, que exigem maior intelligencia e perfeição de obra, accrescentei, de que os Negros e os Indios não são muito capazes: não neguei a capacidade ordinaria physica e moral como homens, que são dotados de intelligencia, e tendo cada hum delles cinco dedos em cada mão; exclui somente a capacidade superior e transcendente: o que bem se manifesta do termo *muito*: esta capacidade, que depende de huma educação liberal proveniente de principios especulativos, que se derivão do conhecimento das letras, da practica do dezenho, de noções geometricas, de mechanica, e da chymica, que tanto concorrem hoje para adiantamento, e perfeição das Artes e da Industria manufactureira, e fabril, não he vulgar na classe dos Pretos, e he nullã na dos Indios, e fallando a verdade não está muito adiantada ainda mesmo na classe dos Brancos e dos Pardos do nosso Paiz: e se eu dei preferencia aos Pardos, dizendo os Pardos sim, que para tudo são habilidosos: foi fundado na experiencia e no geral consenso; pois não só frequentão as escollas e as aulas em muito maior numero do que os Pretos e Indios, como tambem da mistura do sangue Europeo e Africano resulta hum não sei que, que lhes dá huma actividade superior tanto nos corpos como no espirito, que os torna muito aptos para as Artes e sciencias. Isto he hum facto reconhecido por todos, e confirmado pelo testemunho dos mais abalisados Philosophos Naturalistas, e que elles chamão feliz resultado do encrusamento das raças, ou especies. Se V. m. duvida da minha asserção, ouça por esta vez o Senhor Azara Naturalista Hespanhol, e hum dos commissarios dos limites da America Meridional entre a coroa Catholica e Fidelissima; diz pois na pagina 267 das suas Viagens: acho que os Mulatos, que provém da união dos Negros e dos Brancos, excedem muito no physico, e no moral aos filhos dos Negros e dos Indios; eu os tenho achado muito mais activos, muito mais ageis, vigorosos e

(1) Pergantando eu onde morava nesta Cidade este novo Compadre, que se diz Cidadão de toda a terra; Se me respondeo: mora nas Sensalias dos escravos de S. Bento, na primeira hiado pela ladeira da Prainha, e que tem huas degrãos na porta !!!

vivos, muito mais espirituosos, e muito mais ãos que os seus mesmos progenitores. (1) Que mais quer o Senhor Compadre do Rio de São Francisco do Norte? se deseja a verdade satisfaça-se com o que tenho dito, e se o seu fim he intrigar; quem he o culpado? continuemos.

Disse tambem para confundir o Compadre de Lisboa que os Brancos compunhão *em geral* a Tropa da primeira e segunda linha, e especialmente a sua briosa, valente, e distincta officialidade; *em geral* quer dizer a V. m. não mandar o contrario, pela maior parte, ou em maior numero; e fallando desta sorte não exclui Pardos, Pretos, e Indios, que sei e he do conhecimento de todos, servem com distincão, e garbo militar tanto reunidos com os Brancos nos corpos da primeira linha, como formando corpos separados na segunda linha, e debaixo das Ordens de seus proprios Officiaes, e que por mais de huma vez merecerão nesta Corte a Real approvação de Sua Magestade: e senão fiz especial menção deste ou daquelle Regimento de Pardos, ou de Pretos, foi porque não devia ser tão diffuso, e porque tudo inclui nas palavras *em geral*, e não era o meu objecto fazer hum Almanach Militar. Assim Senhor Compadre do Rio de S. Francisco do Norte, Cidadão de toda Terra, Amante da Justiça e da Verdade, Endireitador de tortos, Despicator de affrontas, feitas e por fazer &c. Eu não deixei ficar em abandono os seus Afilhados Pretos e Indios, e muito menos os deprimi: logo para que levanta tanta poeira? Aqui anda certamente algum pé de Cabra escondido; ao menos V. m. dá a entender que as suas intenções são sinistras, como por ahi se diz; e que não he o amor da verdade e da justiça que o impellio a pegar na penna contra mim: muito principalmente quando V. m. não he offendido; pois affirma que lhe parece que he Branco, e que lhe não doe o cabello ao desencarapitar o outro.

(1) Sem sahirnos do Rio de Janeiro admiramos não ha muitos annos nesta Cidade em Medtina hum Moreira, hum Muzzi, em Bellas Letras hum João Mano, hum Elias; em Rethorica e Poetica hum Manoel Ignacio e hum João Pereira; em Musica hum Florentino, hum Salvador; em Escultura hum Valentim; em Pintura hum Leandro; hum Catha. Outros muitos, ainda hoje existem, cujos nomes deixo de memorar para não sensibilizar a sua modestia: realos extraordinarios, que a pesar de não haverem frequentado as Estillas da Europa, e das Academias da Italia, muito sobresalio. Que seria se as tivessem frequentado? 32. 01.

1884

nha-lo, sobre este assumpto logo conversaremos; passemos agora á minha asserção do Rei do Rozario, que tanto sensibilon o seu mavioso Coração para sahir a Campo pegando na penna *em justa defensão dos desqualidos Pretinhos* como V. m. mesmo assevera.

Ora pois seja V. m. mesmo tambem o Juiz: diga, em sua consciencia; quando eu dirigindo-me ao Compadre de Lisboa, que reduzio a povoação deste Reino do Brasil a hordas de Negrinhos pescados na Costa d'Africa, lhe respondi: os Negrinhos Senhor Compadre, ou se achão empregados no serviço domestico dos seus Senhores, como lá em Portugal os moços de servir, ou no trabalho da agricultura, e das lavras de ouro; estes pela sua desgraçada condição (repare bem nestas duas palavras) não formão Ordem alguma no Estado, vivem dispersos pelas casas ou fazendas dos seus Senhores; por si não fazem povoação distincta e separada dos brancos, excepto algum Quilombo no meio dos matos; não figurão na ordem civil, e quando muito hum ou outro chega a ser Rei do Rosario = diga de que Pretos fallei eu? de todos em geral libertos e cativos, ou dos cativos somente? Se eu tão claramente fallei dos cativos; como se atreve V. m. fazendo universal huma proposição particular, e confundindo libertos com cativos; a queixar-se contra mim affirmando que eu não concedi aos Homens Pretos maior dignidade do que a de Reis do Rozario? e que os deprimi? ignora V. m. por acaso que a condição servil, que eu chamei desgraçada, despoja o homem, seja de que cor for, de todo e qualquer direito, e pertença a honras, postos, e dignidades tanto civis como militares? por ventura não sabe que o escravo em quanto escravo não tem patria, nem he cidadão, e que nem pôde mesmo pegar em armas, e apresentar-se como Soldado nas fileiras dos homens livres? que honras e dignidades tinham os escravos dos Romanos a pesar de serem elles tão brancos como os seus proprios Senhores? que honras e dignidades tem os escravos christãos em Argel, em Marrocos, e em Tunes? que honras e dignidades tem os escravos pretos entre os seus mesmos naturaes e parentes nos differentes Reinos e Estados d'Africa? diga, não se envergonhe de responder-me, já que não teve pejo de mandar imprimir o seu papel a fim de me comprometter, e tornar-me odioso a numerosa classe de Pretos tanto livres como cativos; fingindo-se com tanta labia seu Protector, com a mira de lhes

facar os cobres para a despeza da sua longa jornada. Senhor Compadre do Rio de S. Francisco do Norte, eu certamente não deprimi os Pretos livres; porque não fallei delles, quando asseverei em ar de graça, que só hum ou outro Preto cativo chegava a ser Rei do Rozario: tambem não deprimi os Pretos cativos; porque he, a meu ver, a unica consolação, que elles tem no seu penoso e desgraçado cativoiro, a unica dignidade, a pesar de ser ficticia, que as leis lhes permittem, e que a Religião como Mãe compassiva não lhes nega para adoçar a sua sorte, e dar-lhes hum dia de alegria. Ora diga-me mais, o ser Rei do Rozario he cousa que sirva de desdouro e depressão a hum Preto, ainda que seja liberto? quem sabe se v. m. a pesar do seu chapeo com presilha, e borlas de prata, já teria figurado lá pelo Sertão de Imperador do Divino Espirito Santo? então se já provou esse bocadinho, diga-me he doce, ou amargoso? Ora se muitos Brancos, mesmo por aqui perto, tanto se enfatuão com o Diadema Imperial do Divino, que será hum Pretinho com a Real coroa do Rozario, especialmente por esses desertos, onde qualquer das duas Dignidades se repnta igual á de Sua Cesarea Magestade, e a do Rei do Congo, ou de Benim?

Parece-me que tenho satisfeito ás injustas queixas do Senhor Compadre do Rio de S. Francisco do Norte quanto á sua arguição de que deixei em abandono os desvalidos Pretinhos, a quem não concedi maior dignidade, honra, e preminencia que a de Reis do Rozario; se v. m. não se dá por satisfeito por ser talvez difficultoso de contentar, infinitos ha que ainda mesmo sem ter lido esta minha Resposta á sua tão attenciosa como polida Carta, só pela simples leitura do seu pamphleto o caracterisão se não de impostor mal intencionado, certamente de imprudente; e como penso que estes, que assina o julgão, são pessoas cordatas, intelligentes, e de toda authoridade; desprezo sobre este objecto as suas reclamações a favor de quem não offendi, e igualmente o odio da turba multa, que se deixou illudir pela sua pernicioso labia. Passemos ao segundo Artigo do seu mal fundado queixume: quero dizer vamos analisar a Asserção a respeito dos Indios, que v. m. tão mal entendeo e desfigurou como a primeira acerca dos Pretos.

Senhor Pseudo-Philantropo intitulado Compadre do Rio de S. Francisco do Norte, se bem me lembra; fallando

eu dos Indios disse: Os Indios tambem não figurão em
 cousa alguma porque não querem; aqui v. m. fazendo sig-
 nal de aprovação; diz com toda Magistral authorityde: isto
 he verdade; e depois pergunta; e porque não querem elles
 figurar cousa nenhuma? porque prevalecem nelles os cos-
 tumes dos seus antepassados; e vai continuando para di-
 ante com huma prolixa arenga; que não vem a proposito á
 minha Asserção. Diga-me agora por vida sua; que quer
 dizer; ainda prevalecem nelles os costumes dos seus ante-
 passados? segundo o meu fraco entender parece querer di-
 zer; que os Indios folgão mais com a vida selvatica e erran-
 te; do que com a vida fixa e sociavel; que querem antes
 ser feras bravias; e indomitás; do que animas mansos e
 pacificos; ser antes brutos do que homens. Logo porque
 se escandaliza v. m. de que eu asseverasse ao Compadre
 de Lisboa; que apenas elles servem nas Camaras das suas
 villas emparelhados com os Blancos; heia como o ca-
 vallo com o cavalleiro; que pelas redeas leva o bruto pa-
 sta onde quer? porque tomá V. m. a mal esta pequena al-
 lusão; dos Indios e os Cavallos que se encontra neste simi-
 le ou exemplo; que propuz? Sim; Senhor Compadre;
 aqui não ha parallelo algum; há somente hum simile ou
 exemplo; o qual recahe sobre o modo; e o fim; para
 que os Blancos se emparelhão com os Indios nas Camaras
 das Villas d'aquelles nossos Indigenas e seus afilhados má-
 predilectos. Por que razão sendo V. m. o mesmo que con-
 fessa que nos Indios prevalecem os costumes dos seus an-
 tepassados; e cujos costumes pouco differem dos das feras
 brutas e irracionaes; grita aqui d'El Rei contra mim; pe-
 ga na penha; attaca-me; insulta-me; manda imprimir o seu
 papel incendiario; espalha-o por toda parte publicando;
 que eu fiz parallelo dos Indios com os Cavallos? Não Se-
 nhor; eu não fiz parallelo algum de Indios com cavallos;
 e se não veja o que dizem os Mestres da Arte de bem di-
 zer; ou da Rethorica. Parallelo he huma figura Oratoria; pe-
 la qual como que pomos diante dos olhos dous sujeitos;
 ou cousas; e passamos a examinar; se a discuir as suas
 qualidades; comparando-as humas com outras a fim de co-
 nhecermos; ou darmos a conhecer; ou a superioridade de
 hum sujeito ao outro; ou a igualdade; e semelhança; ou
 a opposição; que tem entre si; ou finalmente a inferiori-
 de; neste parallelo anda o espirito em continuo movimento
 para huma e outra parte; e nisto consiste a belleza desta figura

oratoria. Eu passo a fim de melhor ensinar a V. m. o que he hum paralelo a dar hum exemplar delle, cujo objecto não será o cavallo e o Indio, será sim o Senhor Compadre do Rio de S. Francisco mesmo e o Compadre de Lisboa; e digo: estes dous Compadres, ambos são igualmente mal intencionados, e inimigos do Brasil e dos Brasileiros; o de Lisboa he hum inimigo declarado e violento; que avança e attaca como hum leão despedaçando tudo de hum golpe, e atroando com o seu rugido; o de São Francisco he hum inimigo disfarçado e astuto, que se introduz como hum lobo com pelle de ovelha a fim de fazer a sua presa mui de mansinho, e sem rumor algum: aquelle usa de phrases tinctas no fel e no veneno da maledicencia, e do odio; este serve-se de expressões não menos venenosas, porém adocicadas por huma dolosa hypocrisia: aquelle re-
 duz o Brasil e os seus habitantes a hordas de negros; este pretende que os Brasileiros tenham todos mais ou menos raça de caboucos: aquelle quer espalhar entre nós os calce-
 tas da Europa toda e as meretrizes de Lisboa; este deseja que os Negros sejam iguaes aos Brancos, e tão cidadãos como os seus Senhores: aquelle poz-se em campo contra o Astro-por, se mostrar apaixonado do Brasil; este compromette, e enxovalha hum Patriota, que tomou a si a defeza do seu Paiz, e o desagravo dos seus Patricios. Eis-aqui, Senhor Compadre do Rio de S. Francisco hum paralelo; diga agora se eu fiz paralelo de Indios com cavallos no sim-
 ple do cavallo e do cavalleiro, que o conduz pelas re-
 deas? o que alli achará he unicamente huma allusão do cavalleiro com o cavallo aos Brancos emparelhados com os Indios, nas camaras das suas villas: ou falando mais cla-
 ramente a essa tal emparelhação, e ao fim della. Mas V. m. que intenta tornar-me odioso, e que nada pesca de pa-
 rallelos, diz n'uma parte que eu fiz paralelo; noutra que puz em paralelo, sem saber o que diz.

Como não estou certamente melhor informado do que V. m. na historia politica e moral dos Indios; pois nunca transitei pelas suas Aldéas e Villas, e não tenho tido commu-
 nicação alguma com elles, e muito menos com ellas; e o que sei a respeito delles he fructo da leitura, ou da in-
 formação verbal de algumas pessoas, que tem tratado e vi-
 vido como estes Indigenas, confesso que não tenho todas aquelles conhecimentos, que me tornem infallivel, se qui-
 zesse tecer a historia dos costumes, usos, habitos, inclina-

ões, estado actual das suas povoações, &c. mas certificado de que as leis os reputão pouco ou nada civilizados ainda, incapazes de se regerem por si sós, e que lhes têm dado Directores, Curadores, e mesmo Thesoueiros para arrecadarem e dispendêrem em benefício delles Indios os rendimentos das suas terras, não hesitei afirmar ao Compadre de Lisboa, que os Brancos os conduzião, sendo emparelhados com elles nas camaras, como o Cavalleiro conduz pelas redeas o Cavallo. O que he hum facto, a pesar de V. m. afirmar o contrario: e dar prefereneja ao Juiz Indio sobre o Branco na justiça, rectidão, e equidade, com que quasi sempre aquelle julga e despacha verbalmente os pleitos, que são da sua competencia, sem lhe ser necessario revolver Bartalos e Acursios. Sobre isto occorre-me huma anecdota galante, que ouvi contar: hei-la aqui: em certa Aldeã foi huma mulher India apanhada em fragante furtando huma galinha, e sendo levada á presença do Juiz, este que era filho da ré, a condemnou logo (ja se sabe verbalmente; por que não sabia nem ler nem escrever) á pena de agoutes: accudio o Juiz Branco dizendo que elle não devia sentenciar, e condemnar sua propria mãe, e que se desse por suspeito n'aquelle caso: respondeo o Indio, eu não condemnou minha mãe; castigo huma ladrona, faço justiça como devo, e manda esta vara de Juiz; mas o Branco que se envergonhava de que a mãe do seu collega fosse parat ao pelourinho, á muito custo conseguiu que não se executasse a sentença, e fazendo restituir a galinha ao dono contentou a parte, e os Officiaes de justiça com hum frasco da dita. V. m. bem me entende. Continuando porém a responder seriamente ao Senhor Compadre do Rio de S. Francisco do Norte, que toma tanto a peito a defensão dos Indios, como se eu lhes tivesse feito alguma injuria atroz, negando, ou duvidando de que sejam homens, dotados de intelligencia e razão, e filhos do venerando Pai do Genero Humano, (o que muitos Philosophos dos nossos tempos duvidão conceder, (1) contra toda a justiça e a autoridade da Santa Igreja, que decidio o contrario) tem o atrevimento de dizer-me no seu pamphleto com toda a delicadeza de hum refinado hypocrita: Senhor Filho do Senhor Compadre do Rio de Janeiro, não vé V. m. que

(1) Vide Viagem na America por D. Felix de Asas Tom. II. paginas 183 e seguintes.

quando deprime os Indios deprime com elles a todo o Brasil e a maior parte dos seus habitantes; (aqui doe-me o cabelo) que ou por alliança, ou por descendencia, lá tem alguma cousa de commum com esses Indios = Certamente he desaforo e arrojo incomprehensivel que venha hum Satyro lá do mato á tirar-nos as Inquirições, e a passar-nos Sentença de Genere enxovalhando-nos até com o sangue de Mouros e Judeos, que lá, segundo o seu fraco bestunto, não são menos gente, que os Indios e os seus descendentes; e affirmando que até se vê obrigado a crer que tudo isto está muito incorporado já hoje = obrigado por tanto obsequio e honra! Posto que não se deve fazer caso algum deste delirio; pois segundo o ditado: a palavras loucas ourelhas moucas; com tudo sempre lhe quero dizer duas palavrinhas em resposta para não ser impolitico. A pesar de admirar o fiel e esforçado Philippe Camarão, que tantas proezas obrou na restauração de Pernambuco em favor dos Portuguezes de quem foi verdadeiro amigo e alliado, e tambem me gloriei com o nosso Martim Afonso, que não menos fiel e destemido guerreiro se mostrou em nosso adjutorio contra os Francezes, que occupavão este porto do Rio de Janeiro, com tudo não posso nem devo ficar-lhes em agradecimento de que o seu sangue corra pelas minhas veias, e pelas da maior parte dos meus Patrioticos, especialmente os Fluminenses; pois bem sabido he que a Cidade do Rio de Janeiro se começou á povoar com familias vindas de Portugal, da Bahia, e dos Assores, e que havendo abundancia de mulheres brancas, e depois de pretas, e pardas filhas destas, os primeiros colonos do paiz não tinham necessidade de se mesclarem com as Indias; esta a pesar de serem como V. m. diz mui carinhosas e sollicitas (talvez por experiencia propria) são muito feas, e sómente lá pelo sertão he que serão procuradas em falta de cousa melhor; quanto ao que V. m. assevera dos Paulistas, elles lhe respondão; porque nem tenho procuração bastante desses honrados Senhores; nem tambem tenho presentes as genealogias das suas Cazas; mas, segundo todos dizem, são hoje verdadeiros Brancos, e verdadeiros Portuguezes.

Conclue finalmente V. m. o seu pamphleto dizendo-me com refinada labia e velhacaria; espero que V. m. reconheça a razão com que me queixo do abandono em que deixou ficar os pobres Pretinhos e Indios, que são os mais dignos de contemplação; e deixou ficar no tinteiro, que

os Brancos talvez, ou que os Pardos. Não Senhor, não seja hypocrita, nem se finja santinho; V. m. não espera tal cousa de mim; porque se o Senhor Compadre do Rio de S. Francisco fosse sincero, e homem de probidade, não me levantaria alevés interpetrando mal, e o seu geito as minhas palavras, nem assoalhariá os meus erros, caso nelles eu tivesse cahido por imprudencia, ou ignorancia; porque neste caso pedia a Caridade que, ou por huma carta dirigida especialmente a mim, ou procurando-me em particular, me fizesse ver os defeitos do meu Folheto para os retractar, ou rectificar em outra edição, que houvesse de fazer. V. m. porém não obrou assim, o que fez, foi armar hum aranzel, manda-lo imprimir a fim de comprometter-me, e fazer-me odioso aos seus afilhados, cuja defeza tornou a seu cargo; não porque se compadecesse delles; pois não ha motivo algum, que eu desse, e que consternasse o seu mavioso coração; mas sim porque por este modo achou meios de pôr huma contribuição nesta Cidade, e de colher alguns vintens para a despeza da sua jornada. V. m. fez o mesmo que o gato da Fabula, que ja não podendo caçar ratos por muita vellice fingio-se farinha: não he assim meu rico Compadre? porém muitos que o conhecem dizem, como o rato velho e experimentado,

*Je soupçonne de sous encor quelque machine,
Rien ne te sert d'etre farine.*

La Fontaine
*Bem mal me cheira o enfarinhado encalmo,
Que alli ha falcatura hei grã suspeita.*

Que te val ser farinha?

Traduc. Francisco de Manoel

Com isto fiera finta minha resposta senão faltará responder-lhe que não entoo a satisfazer a V. m. sobre a questão se o Brasil engatinha ou não; porque não se envolve nella utilidade alguma, nem prejuizo de terceiro; assim pôde V. m. ou outro qualquer seguir a opinião, que lhe parecer, sem que nisto me offenda. Ocorre-me porém antes de concluir dar-lhe dois conselhos: visto fazer publico que necessita de dinheiro; o primeiro he: Requeira ser Regedor

das Justiças do Sertão, que não descrepará hum apice della tendo lá tão bons Magistrados, e deixe-se da mania de escrever, e mandar imprimir frioleiras, que posto lhe rendão alguns cobres, não o acreditão. Senão lhe agrada este; ouça o segundo, peça huma Patente de Capitão do mato, e vá com os seus fieis Achates apsnhar os Indios bravos, ponha-os a plantar mandioca, e a fazer farinha, que he genero que dá hoje dinheiro em Pernambuco, e na Bahia, e tambem aqui no Rio de Janeiro; porque hoje compramos hum saco della pelo mesmo preço com que em outro tempo compravamos tres! Não perca o seu tempo vá a toda a pressa, não espere que os seus pamphletos se vendão todos com tanta promptidão como deseja para levar todo o producto delles; entre tanto se me parecer mandarei imprimir esta minha resposta á sua honrosa carta, e o que reader, lhe remeterei para comprar a beca ou farda, e se não, servirá para os coeiros dos seus cabouclinhos.

Por ultimo lhe assevero que lhe fico mil vezes obrigado pela honra, que me faz do novo Padrinho, que me dá, o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Rio de Janeiro, oxalá V. m. tivesse authoridade para tanto me honrar! mas fique entendendo que até nisto V. m. toma as cousas as avessas e differentes, do que ellas são. O Compadre de Lisboa não se intitidou assim porque fosse Padrinho dos filhos de Lisboa, ou porque Lisboa fosse Madrinha dos filhos d'elle: porém sim porque era morador em Lisboa: do mesmo modo o Filho do Compadre do Rio de Janeiro não he afilhado do Rio de Janeiro, he sim filho de hum Compadre, que morou no Rio de Janeiro, e que já não existe entre os vivos; por cuja razão não lhe posso dar as recommendações de que V. m. me incumbe na sua Carta; quanto ás que faz aos meus Patricios, eu dellas me não encarrego, pois nem sou, nem nunca fui moço de recados, e tambem porque me seria muito penoso andar de porta em porta em huma Cidade tão vasta e populosa, que não he aldea do Sertão, a dizer áquelles, a quem V. m. vendeo gato por lebre, que não lamentem os cobrinhos, que derão pelo seu papelinho; quanto ás suas rogativas de que o encomende a Deos, o farei, não porque mo pede, mas sim por obrigação de Christão, que deve rogar tambem pelos seus inimigos. Não tenho sido descurado de Orar pela Santa causa da nossa Regeneração politica, pela vida, conservação e Saude do Nosso Saudo-

issimo Monarcha o Senhor D. João VI. Como tambem do
nosso Serenissimo Regente, e de toda a Real Dinastia de
Bragança, e união fraterna do Reino-Unido de Portugal,
Brasil, e Algarves. Por tanto a sua recommendação para
mim he superflua; Oxalá que V. m. fizesse outro tanto,
e visto que he tão innocente e de Coração tão Compassi-
vo, me persuado que as suas orações serão mais bem acei-
tas que as minhas.

Deos o leve a Salvamento o mais cedo possivel, de-
lhe boa viagem, e lhe conceda achar os seus peque-
nos gozando feliz saude, e tambem o seu respeitavel
Compadre o Illustrissimo Rio de S. Francisco do Nor-
te, em cuja descripção, e da Cachoeira de Paulo Afon-
so, rogo-lhe encarecidamente que empregue os seus gran-
des talentos, não só para beneficio litterario dos curiosos,
que por ella suspirão, como tambem para convenienciã
propria do Senhor Moreno, que ganhará mil vezes mais
do que com rapsodias inspidas, futeis, indigestas, e ca-
lumniosas. De seu V. e C.

30 de Outubro
de 1821.

O Filho do Compadre do Rio de Janeiro,